



ISPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**DELINQUÊNCIA JUVENIL: A RELAÇÃO
ENTRE A VINCULAÇÃO À MÃE, AO PAI E
AO GRUPO DE PARES.**

JOANA DIAS DOS SANTOS

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Coordenador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTORA MARIA GOUVEIA-PEREIRA

Tese Submetida como Requisito Parcial para a Obtenção do Grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Prof.^a Doutora Maria Gouveia-Pereira, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Ao finalizar este percurso académico, que foi de uma enorme importância, queria agradecer a todas as pessoas que estiveram presentes nesta fase da minha vida. Queria primeiramente agradecer á minha orientadora de dissertação, á Prof. Dr. Maria Gouveia-Pereira pela sua orientação e compreensão durante o ano.

Pretendo expor o meu maior agradecimento ao Professor Mário Barradas e á Professora Gabriela pela sua enorme disponibilidade, acessibilidade e simpatia. Sempre muito prestáveis e dispostos a ajudar. Não vos vou esquecer, muito obrigada por tudo.

Também tenho que agradecer muito às minhas colegas e amigas do ISPA, á Mariana e á Fi pela ajuda permanente, pela enorme disponibilidade e amizade. Igualmente á Filipa e á Joana, que sempre me ajudaram, de uma maneira ou de outra, em todos os momentos que precisei.

Aos meus eternos amigos pela amizade, carinho e apoio que sempre me deram, nos bons e maus momentos. A vossa força ajudou-me muito a continuar este percurso que nem sempre foi brilhante.

Tenho que agradecer também ao André, pelo amor, pelo apoio incondicionalmente, pela presença constante e pela enorme paciência que teve comigo durante este percurso. Obrigada por tudo o que fizeste e fazes por mim.

A minha família também esteve sempre ao meu lado neste percurso, tenho que agradecer muito á minha mãe, sem ela nada disto seria possível. Aos meus avós, tios, primos e á minha irmã bebé por animar os meus dias.

NOME: Joana Dias dos Santos

Nº ESTUDANTE: 18944

CURSO: Mestrado Integrado em Psicologia

ÁREA DE ESPECIALIZAÇÃO: Clínica

ANO LETIVO: 2014/2015

ORIENTADOR: Prof. Doutora Maria Gouveia-Pereira

DATA: 7 de Dezembro de 2015

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO: **Delinquência Juvenil: A relação entre a Vinculação á mãe, ao pai e ao grupo de pares.**

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar a qualidade da relação de vinculação á mãe, ao pai e ao grupo de pares em adolescentes e compreender se essa vinculação influencia a ocorrência de comportamentos delinquentes. Recorreu-se a escolas públicas na área de Lisboa para a aplicação do estudo. A amostra é constituída por 218 participantes, 108 do sexo masculino e 110 participantes do sexo feminino, que se encontram a frequentar o ensino básico e secundário, do 8ºano até ao 10ºano, com idades compreendidas entre os 12 anos e os 18 anos de idade. A qualidade de relação de vinculação será medida através do Inventário de Vinculação para Pais e Pares - IPPA (Armsden & Greenberg, 1987b), a partir das dimensões Confiança, Comunicação e Alienação. Os comportamentos delinquentes serão medidos através da Escala de Variedade de Comportamentos de Desvio Juvenil (Sanchez, Pereira, Gomes & Roncar, 2015). Os resultados obtidos permitem constatar que a vinculação á mãe e as suas dimensões estão correlacionadas significativamente com a delinquência. O adolescente com mais a confiança e comunicação e menor alienação á mãe tem menos comportamentos delinquentes. No grupo de pares, apenas a dimensão confiança apresentou resultados significativos com a delinquência. A vinculação ao pai não apresentou resultados significativos para esta amostra.

Palavras-Chave: Vinculação Parental, Delinquência Juvenil, Grupo de Pares.

DISSERTATION TITLE: Juvenile Delinquency: The relation between the attachment to mother, father and the peer.

ABSTRACT:

The present study aimed to analyze the quality of attachment to mother, father and the peer in adolescents and understand if these attachments influence the occurrence of delinquent behavior. It appealed to public schools in the Lisbon area for the application of the study. The sample consists of 218 participants, 108 male and 110 female participants who are attending primary and secondary education, to the 8th until 10th grade between 12 and 18 years old. The quality of attachment will be measured by the Inventory of Parent and Peer Attachment - IPPA (Armsden & Greenberg, 1987b), from the dimensions Trust, Communication and Alienation. The delinquent behavior will be measured through the Juvenile Diversion Behaviors Variety Scale (Sanchez, Pereira, Gomes & Roncar, 2015). The results help to determine that the attachment to mother and dimensions are significantly correlated with delinquency. The adolescent with more confidence and communication and less alienation to his mother has less delinquent behavior. In the peer, the dimension confidence showed significant results with delinquency. The attachment to father didn't show significant results for this sample.

Keywords: Attachment, Juvenile Delinquency, Peer Group.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	iii
I - INTRODUÇÃO	1
II - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	3
1. Vinculação	3
1.1. Vinculação á Mãe	5
1.2. Vinculação ao Pai	6
1.3. Vinculação ao Grupo de Pares	7
2.1 – Delinquência Juvenil	10
2.2 – Delinquência Individual e em Grupo	13
2.3 – Delinquência e Vinculação	14
III – OBJETIVOS E HIPÓTESES	17
IV – MÉTODO	19
1. <i>Participantes</i>	19
2. <i>Instrumentos</i>	20
3. <i>Procedimento</i>	21
V – RESULTADOS	22
VI - DISCUSSÃO	25
VII – CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
VIII –REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28
IX –ANEXOS	31
Anexo A- Pedido de autorização para a recolha de dados.....	31
Anexo B- Autorização aos Encarregados de Educação.....	32

Anexo C- IPPA – Inventory of Parental and Peer Attachment.....	33
Anexo D- Escala de Variedade de Comportamentos de Desvio Juvenil	37
Anexo E- Outputs das análises estatísticas realizadas.....	43

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Distribuição da amostra por idade.....	19
Tabela 2. Médias, Desvios-padrão e Alphas de Cronbach.....	22
Tabela 3. Análise de correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e escala da Delinquência.....	23
Tabela 4. Análise de regressão entre as dimensões da escala da Vinculação com a Mãe e a escala da Delinquência.....	24

I - INTRODUÇÃO

A delinquência juvenil tem vindo a aumentar cada vez mais, de ano para ano. É frequente ouvirmos nos meios de comunicação vários casos de furto, assaltos, agressões físicas, entre outros. Estes atos antissociais praticados pelos jovens têm tomado proporções inquietantes. O jovem pode praticar estes atos como uma forma de oposição às figuras parentais ou também como uma forma de se destacar no grupo de pares, ser aceite por eles, ou seja, existem vários motivos para o jovem seguir este caminho que é a delinquência. De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna (2014), a delinquência juvenil, praticada por jovens dos 12 aos 16 anos, registou um aumento de casos, uma subida de 23.4%, ou seja, mais 453 casos do que o ano anterior.

Posto isto, é importante compreender o que está na base deste fenómeno e criar planos para combater estes factos. Vincular-se a alguém é um processo essencial desde o nascimento até às várias fases da vida de um sujeito. A qualidade deste vínculo, construído a partir das relações entre pais-filhos, irá prever o caminho que a criança irá percorrer na adolescência, fase essa em que surgem as maiores alterações e descobertas, tanto a nível físico, mental e social.

A teoria da vinculação por Jonh Bowlby (1969) refere que a criança tem a necessidade biológica de criar relações de proximidade com as figuras de vinculação, podendo ser o pai, a mãe, a avó ou o avô, não tem que ser necessariamente os pais as figuras de vinculação. Este processo de vinculação é construído durante os primeiros meses de vida do bebé, e tem por base a qualidade das interações do bebé com as figuras de vinculação. Relativamente á família e aos comportamentos delinquentes, existem vários estudos que indicam que a família influencia a existência ou não desses mesmos comportamentos, ou seja, a ausência das figuras parentais, a falta de supervisão parental, uma história familiar de comportamentos de alto-risco, castigos inconsistentes, expectativas parentais negativas em relação ao adolescente, pares antissociais, entre outros (Lemos, 2010). Simões, Filipe e Farate (2014), dizem que é na família que adquirimos as primeiras aprendizagens, posto isto, a qualidade de relação de vinculação que é construída com as figuras de vinculação, vai-se refletir nas relações interpessoais futuras, por exemplo, o grupo de pares.

Assim, o presente estudo tem a seguinte estrutura: primeiramente será

apresentada uma revisão da literatura, onde serão definidos e abordados os conceitos de vinculação, vinculação parental, grupo de pares e delinquência juvenil; de seguida serão apresentados os objetivos e hipóteses deste estudo de acordo com a literatura exposta; depois será descrita a metodologia utilizada, a caracterização dos participantes, os instrumentos utilizados e o procedimento feito no momento da recolha de dados; posteriormente serão apresentados os resultados; de seguida a discussão que tenta explicar os resultados obtidos com base no estado da arte das temáticas em estudo e por ultimo as considerações finais onde se expõe as principais conclusões deste estudo, bem como limitações e sugestões para futuras investigações.

II – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Vinculação

Segundo Bowlby (1989), a maioria dos seres humanos gostariam de ter filhos saudáveis, autoconfiantes e felizes. A tarefa de educar uma criança não é de todo linear, pois é um desafio assegurar que a criança cresça em ambientes propícios quer do ponto de vista psicológico como social, de modo a refletir-se num desenvolvimento o mais adequado possível. O autor refere ainda que o bebé quando nasce rege-se por um modelo de comportamentos que se manifestam nos primeiros meses de vida e têm o intuito de manter a criança próxima da figura materna, uma vez que se apresenta como um ser completamente dependente.

Após o primeiro ano de vida, espera que o comportamento da criança seja organizado, ou seja, o comportamento é ativado sempre que certas situações sejam exibidas (a fadiga, a dor ou qualquer coisa que seja assustadora para o bebé), posto estas situações, o comportamento de vinculação é ativado, tanto para uma mãe que esteja ou não acessível a este comportamento. Este comportamento por parte do bebé pode ter um fim, conforme a intensidade que ele surge.

É importante referir que este comportamento de vinculação não surge só nas crianças, embora seja menos estimulado, mas também surge nos adolescentes e adultos de ambos os sexos, quando estão sob stress e ansiosos. O comportamento de vinculação acontece segundo o tipo de emoção e a intensidade que surge, e de acordo com a qualidade da relação entre o individuo vinculado e a figura de vinculação. Se a mãe corresponder aos comportamentos de vinculação do bebé, há uma satisfação e um sentimento de segurança, caso contrário, se esta relação estiver corrompida, irá surgir sentimentos de raiva, ciúme e até ansiedade. Ainda numa situação mais drástica, em caso de rutura, poderá surgir sentimentos de depressão e dor. Também a experiência que estes pais vivenciaram com a sua família de origem, irá implicar no sucesso ou não desta relação com o bebé/criança e de como ela se organiza (Bowlby, 1989).

De acordo com Ainsworth et al., (1978, cit. por Bowlby, 1989), compreenderam que as mães de crianças que tinham retribuído de modo sensível aos seus sinais durante o primeiro ano de vida, choravam menos durante a segunda metade desse ano do que os bebés de mães que deram menos respostas. Em suma, é possível concluir que os bebés

humanos, como os bebês de outras espécies, são pré-programados para se desenvolverem de uma forma socialmente cooperativa. Se isso surge ou não deriva da forma como são tratados. Esta forma deriva das experiências pessoais anteriores da mãe e do pai, estas experiências vão preponderar na forma de como os bebês vão ser tratados pelos pais.

Segundo Bowlby (1989, cit. por Guedeney & Guedeney 2004), o desenvolvimento do sistema de vinculação sucedeu sob a pressão do progresso, numa perspectiva darwiniana. O sistema de vinculação tem uma relevância seletiva, ou seja, a proximidade das figuras adultas protetoras são vantajosas no combate contra os riscos do meio ambiente. O sistema de vinculação entende-se por aquilo que mantém uma relação de proximidade, ou seja, o sentimento de segurança. A proximidade vai dar lugar á segurança que é característica do comportamento de vinculação. O que esta na base desta proximidade são os comportamentos de vocalização e sorriso, e são estes comportamentos que avisam a mãe da necessidade de interação do bebê. O choro do bebê é um comportamento aversivo que é preciso por fim, então a mãe ao ouvir o choro irá aproximar-se do bebê para que este comportamento seja eliminado de imediato. Posteriormente surge o comportamento de gatinhar e agarrar, são também comportamentos que o bebê cria para criar uma aproximação á figura de vinculação.

Em suma, a interpretação de figura de vinculação foi sendo definida ao longo dos tempos. A figura de vinculação não tem como obrigatoriedade ser a mãe, uma figura de vinculação é uma figura que a criança dirige o seu comportamento de vinculação (Guedeney & Guedeney, 2004).

Para finalizar este tópico, é importante referir os processos de comunicação numa família pois são muito importantes para compreender a importância da família na vida de cada criança, pois a comunicação é a base das interações e uma dimensão essencial da vinculação. Posto isto, é importante perceber o padrão de comunicação da família e de que forma está a influenciar a criança. A comunicação entre pais e filhos é muito importante, pois é a partir desta que a criança conseguirá compreender as normas e as regras que lhe são inculcadas e se são adequadas (Alarcão, 2006). Também a comunicação permite á criança, posteriormente afirmar-se individualmente e identificar-se às suas figuras de identificação de uma forma clara e positiva (Simões, 2007). Tendo em conta às alterações que surgem na fase da adolescência, a comunicação entre pais e filhos será essencial para a construção desta fase, pois servirá de suporte ao adolescente (Relvas, 1996).

1.1. A vinculação com a Mãe

Segundo Guedeney e Guedeney (2004), a adolescência implica algumas alterações externas e internas, cognitivo-afetivas entre as relações pais-filhos e também no grupo de pares. Estas alterações vão estar explícitas no comportamento de vinculação, ou seja, as alterações que vão surgir na fase da adolescência, vão ser construídas a partir dos padrões de vinculação das figuras significativas. Estas mudanças vão ser possíveis de acordo com o desenvolvimento das capacidades cognitivas do adolescente. Ao decorrer esta fase, o adolescente deixa de lado o pensamento concreto e abraça um raciocínio formal sobre hipóteses. Deste modo as representações de si próprio tornam-se mais internas. O adolescente pode portanto verificar que os pais podem já não corresponder com respostas de acordo com as suas necessidades de vinculação e pressupor que outras relações poderiam satisfazer muito mais as suas necessidades. Este processo pode no entanto, ser negativo, pois o adolescente pode sentir-se frustrado porque as figuras de vinculação iniciais já não conseguem satisfazer as suas necessidades e por essa razão vai sentir-se enraivecido ou mais evitante na relação com os pais, ou pode ser positivo, porque pode auxiliá-lo a concretizar uma maior abertura na apreciação das suas relações de vinculação passadas.

O desenvolvimento das capacidades cognitivas vão afetar o nível de interações quotidianas com os pais, pois vão permitir um maior desenvolvimento das relações entre pais-filhos, em que o adolescente para além de ter em conta as suas necessidades e desejos, vai ter também em conta as necessidades e desejos de cada uma das figuras de vinculação. Esta mudança no nível de interação vai atingir um nível mais complexo á medida que o adolescente vai desenvolvendo as suas capacidades, alterando os seus ideais em relação aos diferentes elementos da relação (Guedeney & Guedeney, 2004).

Esta relação mais refinada entre pais e adolescente, possibilita melhor a compreensão em relação á diminuição do recurso às figuras de vinculação iniciais, no entanto esta relação não deixa de ser importante na vida do adolescente como forma de certificar a sua segurança interna. Em suma, a emancipação do adolescente não se define pelo isolamento mas no âmbito de uma relação próxima e firme com os pais.

De acordo com Simões, Farate, Soares e Duarte (2013, cit. por Simões, Filipe & Farate 2014) a base materna emocional e a rejeição, são fatores preditivos da (in)segurança da vinculação de crianças em idade escolar e o tipo de família não

influencia a mesma. A relação entre os pais também é importante, se essa relação não for positiva, influencia a vinculação da criança como também o comportamento das figuras de vinculação. Existem também outros fatores que influenciam a qualidade de relação de vinculação, tais como, a saúde mental dos pais e características de personalidade dos mesmos. Por exemplo, mães com depressões ou com perturbação bipolar tendem a ter filhos com vinculações inseguras (Poehlmann & Fiese, 2001, cit. por Simões, Filipe & Farate 2014).

1.2. A vinculação com o Pai

A figura de vinculação paterna também é muito importante, posto isto, foi possível deparar com um aumento de estudos empíricos relativos á figura de vinculação paterna. A figura de vinculação paterna também tem o seu nível de importância no desenvolvimento da criança (e.g., Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000; Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008). O pai como figura de vinculação também tem um papel importante no primeiro ano de vida da criança, ou seja, na dinâmica familiar, como modelo de identificação, figura de autoridade, prestador de cuidados, objeto de amor, companheiro e protetor.

De acordo com Goldenberg (1991) o adolescente quando tem comportamentos delinquentes é sinal de uma má relação paterna, ou seja, o pai não estabeleceu de forma correta a sua função paterna para que esses comportamentos fossem evitados. O adolescente que é considerado delinquente, através de comportamentos antissociais, procura na sociedade, uma representação do pai, que seja forte e que lhe represente a autoridade e a lei.

Segundo Winnicott (1999), o comportamento antissocial, não é uma enfermidade, em alguns casos é uma chamada de atenção do adolescente, pedindo a atenção de pessoas amorosas, fortes e confiantes. Os comportamentos delinquentes praticados pelos adolescentes, segundo Rosa (1999), são tentativas de participação na ordem social e simbólica. Falta a esses adolescentes uma significação fálica estabelecida pela função paterna. Devido a essa falta, falha o laço social e como tal, o adolescente espera que a sociedade produza essa ordem simbólica. De acordo com Andry (1960), num estudo, questionou a importância do papel das mães sobre a delinquência, as

investigações davam ênfase a uma relação mais satisfatória entre as mães e os delinquentes do que a relação com os pais e os delinquentes. Os resultados deste estudo levaram á conclusão de que, o que diferencia os adolescentes delinquentes dos não delinquentes é mais a falta da função paterna do que a falta da função materna.

Em suma, é espectável que o pai assuma a sua função psicológica de impulsionar a distância na relação mãe-filho, permitindo desta forma passar de uma relação dual a uma relação triangular. Também o reconhecimento do incesto e a identificação da diferença de géneros, e por sua vez, a entrada da criança no universo da cultura e da linguagem. As consequências da carência paterna são mais difíceis de definir do que a relação precoce mãe-bebe (Lacan, 1998a). A segurança com o pai parece também estar mais ligada ao jogo e às interações referentes á solução de problemas. Estes comportamentos paternos podem ser a representação dos sistemas comportamentais de afiliação e de exploração. Os autores concluem que a natureza da vinculação na relação pai-filho continua misteriosa (Miljkovitch, 2001, cit. por Guedeney & Guedeney 2004)

1.3. A vinculação ao Grupo de Pares

Segundo Buhrmester (1992, cit. por Guedeney & Guedeney 2004) durante a infância, as relações com as figuras de vinculação têm mais importância do que as relações com o grupo de pares, mas na adolescência o nível de relevância muda, ou seja, os pares passam a ser mais importantes e os pais passam a ser figuras de vinculação “secundárias”, não deixando estes de ter o seu grau de importância. Posteriormente surgem as relações a longo prazo com os pares (e.g., bons amigos, relações amorosas). Tanto os adolescentes como também os pares, a partir das alterações das competências sociais e também alterações ao nível cognitivo-afetivo, vão possibilitar que estes se tornem figuras de vinculação uns com os outros.

O caminho para a autonomia em relação aos pais, vai gerar uma maior “aproximação” ao grupo de pares como figuras de vinculação de forma a satisfazer as suas necessidades. Na adolescência as necessidades de vinculação permanecem, o que acontece é que em vez de o adolescente procurar os pais para satisfazer as suas necessidades, cria uma autonomia, e vai procurar no grupo de pares a satisfação das suas necessidades de vinculação. Esta transferência da vinculação às figuras iniciais

para o grupo de pares, vai possibilitar a construção de novas relações do adolescente com os pares, mais precisamente, as relações amorosas. Estas relações são constituídas por uma grande intensidade de afetos e interesses em comum, como tal vão ter um nível de importância superior à relação anterior entre pais-filhos em certas situações. De acordo com uma vinculação segura ou insegura, é possível prever o caminho que será percorrido pelo adolescente, pois são os padrões de vinculação adquiridos na infância que vão predizer os comportamentos no futuro. Existem ligações muito próximas entre a vinculação parental e a vinculação com o grupo de pares. A coesão do discurso e do pensamento de acordo com as experiências e os afetos característicos do adolescente seguro, colaboram para que estas mesmas experiências e afetos, sejam encontrados nas relações com os pares de uma maneira mais fina e coesa (Guedeney & Guedeney, 2004). No entanto, caso exista uma vinculação insegura pode levar a uma deformação das trocas e das experiências negativas com os pares. Os adolescentes que se afastam e isolam, sentem um mal-estar relativamente aos afetos, logo poderá despoletar uma certa distância por parte do grupo de pares (Kobak & Sceery, 1988, cit. por Guedeney & Guedeney, 2004).

De acordo com os mesmos autores, um estudo mostrou que nos alunos do ensino secundário, a falta de competência social e a agressividade estão relacionadas a uma vinculação insegura. Vários estudos depararam-se com várias relações entre a vinculação e a segurança e a adolescência na relação com os pares. Allen e Land (1999, cit. por Guedeney & Guedeney, 2004) mostraram que, nos adolescentes de 16 anos, a segurança estava ligada à qualidade global das relações de amizade e da mesma forma verificaram que a aceitação social pelos pares estava positivamente correlacionada com a segurança da vinculação do adolescente.

Deste modo, o grupo de pares tem um papel fundamental no desenvolvimento de comportamentos delinquentes, pois o adolescente com problemas de comportamento tem a tendência a associar-se a sujeitos com problemas de comportamento também. Assim o adolescente com comportamentos delinquentes está associado a um grupo de pares com esses mesmos comportamentos, ou seja, esse mesmo grupo influencia os seus membros à participação em comportamentos desviantes porque todos aceitam e têm em comum os mesmos ideais (Simões, 2007). De acordo com Battin-Pearson, Thornberry, Hawkins e Krohn (1998, cit. por Simões, 2007), o grupo de pares com comportamentos delinquentes é um bom preditor de comportamentos delinquentes nos adolescentes, referem ainda adolescentes agressivos tendem a ser rejeitados pró-sociais, posto isto,

juntam-se a pares desviantes. Em suma, para uma melhor compreensão do desenvolvimento de comportamentos delinquentes, é importante incluir a influência do grupo de pares.

A passagem ao ato está relacionada com o grupo de pares, e por esse motivo, é importante ter em conta as interações provenientes do seio desse grupo para um melhor entendimento da delinquência na adolescência (Alarcão, 2006). De acordo com Lipsey e Derzon (1998, cit. por Lemos, 2010), os adolescentes entre os 12 e os 14 anos de idade, apresentam uma grande probabilidade de adquirirem comportamentos delinquentes caso haja uma presença de pares antissociais, falta de laços sociais e relações de vinculação inseguras, e posteriormente uma participação em atividades criminais.

2. A Delinquência Juvenil

De acordo com Sanches & Gouveia-Pereira (2010), a delinquência é um fenómeno complexo e como tal foi possível observar em diversos estudos várias definições do conceito. Os comportamentos delinquentes já foram mencionados como desviantes ou antissociais, no entanto há diferenças entre eles. Os comportamentos desviantes são comportamentos de desvio às normas sociais, não é necessário haver uma prática de um facto qualificado pela lei como crime, como é o caso da delinquência. Certos comportamentos criminosos acontecem casualmente (e.g., furtos, conflitos familiares, escolares ou públicos), outros comportamentos fazem parte da experiência que surge na adolescência (Gouveia-Pereira, 2009, cit. por Sanches & Gouveia-Pereira, 2010).

Segundo Gottfredson e Hirschi (1990, cit. por Fonseca & Simões, 2002), o adolescente que comete um crime, pode fazê-lo por adrenalina ou excitação, não exige muitas capacidades cognitivas ou verbais. O delinquentes tem um baixo autocontrolo, representado por uma impulsividade e falta de empatia com os outros, foca-se em si mesmo e tem prazer pelo risco. Os mesmos autores referem que filhos de pais com baixo autocontrolo tendem a reproduzir essa característica, posteriormente na adolescência terão a tendência para se associar a pares com os mesmos comportamentos.

De acordo com Matos (2005), “Delinquir significa cometer delito ou falta em relação á sociedade, em desrespeito pelo que esta legalmente instituído.” (p. 57). Nos dias de hoje, as sociedades impõem ao adolescente uma integração correta nos compromissos sociais, mas a verdade é que a adolescência constrói-se numa desordem que nem sempre vai de encontro com o processo de socialização. No centro deste problema, o adolescente muitas vezes move-se entre o normal e o patológico. A razão também está na sociedade que julga a ação sem procurar saber o que está na base de certas ações e o contexto que estão inseridas. Há muito tempo que a delinquência é encarada como um fenómeno da dissociabilidade e em que subsiste uma perturbação acentuada do vínculo precoce (Bowlby, 1958, cit. por Matos, 2005). As crianças que são despromovidas precocemente de afeto tornam-se incapazes de amar e de ser amadas (Recamier, 1956, cit. por Matos, 2005). Os primeiros sinais de delinquência podem acontecer entre os 7-9 anos, a partir de pequenos delitos em criança que se submeteram

de forma precoce á vontade dos outros, às imposições que lhes foram forçadas, ignorando a sua vontade (Friedlander, 1951, cit. por Matos, 2005). Nestas crianças, os seus atos são-lhes pronunciados pela procura instantânea do prazer, dirigindo-se assim a grupos de jovens com interesses comuns, distorcendo o processo de socialização e desencadeando um trajeto relacional entre o perseguidor e o perseguido. Com estes atos o adolescente evita deprimir-se e como tal não se questiona sobre eles. De acordo com Matos (2005), a depressão é muito frequente nos delinquentes, pois o surgimento do *acting* e a agitação psicomotora levam a uma negação da depressão, ou seja, o aumento da ocorrência de comportamentos de risco. O furto e a fuga podem ser comportamentos de risco ocasionais em que fazem parte do desenvolvimento do adolescente (Dias & Vicente, 1984, cit. por Matos, 2005).

No cerne da delinquência, o que acaba por ser decisório é o abandono ou as privações afetivas, a falta de modelos de identificação competentes e as estruturas do Supereu, guiando o adolescente para uma independência precoce que máscara a reprovação precoce. A depressão é muitas vezes, a face escondida do comportamento delincente. Segundo Matos (1966, cit. por Matos 2005), o *acting* é como se fosse uma máscara que esconde o sofrimento pré-edipiano. O *acting* surge de forma projetiva, em vez de haver uma reflexão, há uma projeção do pensamento. Assim o adolescente expulsa a sua dor e ansiedade, no entanto, não é capaz de refletir e compreender sobre o porquê dos comportamentos e o que está na base dos mesmos.

De acordo com Winnicott (1956, cit. por Matos 2005), o ato antissocial supõe a expectativa de uma tomada a cargo atempadamente. O ato antissocial exprime uma expectativa que muitas vezes esbanjamos sem tomarmos as coisas em mão como devemos. O ato antissocial pode surgir em qualquer idade e em qualquer individuo, existindo uma ligação direta entre a orientação antissocial e a privação. O autor destaca o fato de se assinalar sempre uma experiencia anterior boa até determinada idade seguida de privações significantes. A orientação antissocial tem dois lados: um, o roubo, outro o destruir. Jacobson (1964, cit. por Matos, 2005), diz que a doença mental surge principalmente na adolescência, apesar dos problemas que se colocam ao adolescente na busca da segurança das relações objetais, das identificações, da permanência do Self. No entanto a adolescência não é uma doença, ela apenas pertence a um período de empenho e seleção humana na procura de coesão e de uma identidade própria.

De acordo com Born (2005), a partir do ângulo comportamental, há uma distinção entre a pessoa que pratica um ato de delinquência isolado e aquela que pratica

atos de delinquência várias vezes. Esta dissemelhança é já difícil de definir porque o ato único pode ser muito grave, como um crime passional, ou menos grave, como um pequeno roubo. É importante perceber em que idade o indivíduo surge nas carreias delinquentes, existem imensos estudos que comprovam que o indivíduo surge na carreira precocemente, por vezes na infância mas usualmente na adolescência.

Segundo Moffitt (1993, cit. por Born 2005), diferencia os delinquentes limitados à adolescência e os delinquentes de carreira. Os delinquentes limitados à adolescência surgem normalmente a partir do 11-12 anos e é caracterizada por um começo de passagem ao ato. O delinquente tem vários ganhos a partir destes atos, ganhos em termos de material, ganho de prestígio/reconhecimento ou de adesão a um grupo, principalmente por volta dos 14-15 anos. A delinquência é muitas vezes exploratória, é um indício de eliminação dos valores familiares em busca de protagonismo e estatuto. A renúncia da delinquência dá-se normalmente à saída da adolescência porque após a adolescência poderá iniciar-se uma vida profissional e também uma vida afetiva, o que proporciona responsabilidades e estatuto. No entanto, esta ideia de renúncia da delinquência tem sido alvo de debates porque tem-se vindo a verificar que a saída da adolescência não é acompanhada obrigatoriamente pelo abandono das condutas ilícitas.

Tendo em conta o mesmo autor, a delinquência persistente durante a vida (carreira) é constituída por adolescentes que já têm problemas de comportamento desde a infância, marcados também por um temperamento e personalidade difíceis, problemas de hiperatividade e autocontrolo, ou seja, tem um início precoce. Estes sujeitos são detentores de problemas de aprendizagem e de relações de vinculação inseguras, com os pais e com outras figuras de vinculação. Também os sujeitos que têm um grupo de pares com comportamentos delinquentes vai influenciar os mesmos a esses mesmos comportamentos.

Segundo Fréchette e Le Blanc (1987, cit. por Born 2005), sugerem uma tipologia de delinquentes que encaminha para quatro grandezas (o momento em que a delinquência aparece, a sua quantidade, a sua gravidade e a sua persistência) e que possibilita observar o local em que se localiza o indivíduo na sua carreira delinvente. A delinquência esporádica ocasional, como o próprio nome indica, é uma delinquência que surge casualmente. O sujeito pratica um número limitado de comportamentos criminais de baixa importância. Estes comportamentos surgem, mais precisamente na adolescência e não se repetem posteriormente. Na delinquência explosiva, o sujeito pratica um número elevado de comportamentos criminais com uma relevância média.

Este tipo de delinquência surge em contextos hostis, sujeitos com dificuldades pessoais e familiares. A delinquência persistente intermédia é uma delinquência heterogénea de longa duração, de gravidade intermédia. Os atos cometidos começam muitas vezes na infância e continuam na idade adulta. Embora os atos possam ser muitos, e expor o delinquente a detenções, estes atos não passam de agressões e roubos para assassínios ou assaltos á mão armada. A carreira é flutuante e tem momentos calmos mas a desistência não surge antes da idade adulta. Na delinquência persistente grave os atos tornam-se cada vez mais e cada vez mais graves durante a adolescência e prolongam-se na idade adulta, em que a violência está ligada á delinquência aquisitiva, aqui podem surgir o assassínios ou ataques á mão armada (Born, 2005).

2.1. Delinquência Individual e em Grupo

De acordo com Fillieule (2001, cit. por Born, 2005), recorda a questão essencial do papel motivador do grupo na delinquência “Será que é o grupo que provoca a delinquência, ou são os indivíduos já delinquentes que se reúnem em bandos?” (p. 181). Algumas teorias aceitam que os grupos delinquentes se constroem a partir de sujeitos já abarcados na delinquência. No entanto, certos dados empíricos confirmam que o grupo de pares influencia o crescimento de carreias delinquentes na adolescência. De acordo com Reiss e Farrington (1991, cit. por Born, 2005), referem que na adolescência, é mais frequente praticarem atos delinquentes individualmente do que em grupos. Quanto mais idade têm, menos atuam em grupos. Isto acontece porque a viabilidade de ser apanhado é superior quando o crime é praticado em grupo. Os delinquentes em grupo são mais frequentemente abordados e como tal têm maior inclinação para se distanciarem da delinquência. Os sujeitos que permanecem modificam as suas formas de atuar.

No entanto, para Born (2005) pode depreender-se que uma subcultura é uma configuração de comportamentos obtidos que se difundem no centro de um grupo, onde existem formas de comportamento, normas e valores. Alguns autores referem que a delinquência é construída através de certas subculturas. De acordo com Shaw e Mckay (1969, cit. por Born 2005), referem que os bandos que adotam comportamentos delinquentes é porque há no interior deles uma subcultura na qual o ato de delinquência é consentido ou mesmo estimulado. Posto isto, quando se visualiza bandos delinquentes nos bairros que expõem uma forte desordem, verificou-se que se incrementam

subculturas não convencionais que concebem uma suborganização social na qual a delinquência é admitida como um comportamento normal. Este fato foi extensamente atestado e as particulares subculturais da estrutura de valores e de condutas, permanecem inalteráveis em toda a grande delinquência (Robert & Lascoumes, 1974, cit. por Born, 2005).

2.2. Delinquência Juvenil e Vinculação

Quando se procura entender a delinquência juvenil, é possível verificar imensos estudos que a família esta na base deste fenómeno. A família é um dos fatores mais significativos para o desenvolvimento da delinquência. Vários estudos comprovam a influência da qualidade da relação de vinculação precoce no desenvolvimento de comportamentos delinquentes.

Para Le Blanc e Janosz (2002), a qualidade de vinculação só influencia diretamente a delinquência no início da adolescência, mais tarde é a supervisão parental que influencia, mas para Selditz (1990, cit por Le Blanc & Janosz, 2002) esta qualidade de vinculação tem mais impacto por volta dos 15 anos de idade. Para Hirschi (1969, cit por Henriques, 2014), as vinculações inseguras com as figuras de vinculação têm como consequências uma falha de identificação com a ordem moral e social e fracas ligações com figuras de autoridade.

As crianças com uma qualidade de vinculação insegura têm um comportamento hostil com os outros, são mais inibidas e receosas e têm uma forte tendência para problemas de comportamento, ou seja, um desenvolvimento para comportamentos antissociais graves (Martins, 2005, cit por Henriques, 2014).

Estudos com crianças na idade pré-escolar com comportamentos disruptivos demonstram que problemas de comportamento, como por exemplo a agressão, estão relacionados com a vinculação insegura na relação mães-filhos, ou seja, o padrão de vinculação inseguro é um protótipo para relações futuras. As crianças com este tipo de vinculação convivem com um género parental caracterizado pela rejeição, logo omitem sentimentos de ansiedade em momentos de stress para evitarem uma maior rejeição por parte das figuras de vinculação. Este género parental caracterizado pela insegurança poderá ser reproduzido pelas crianças mais tarde, pois estiveram expostas a este durante

anos (Va IJzendoorn, 2002).

De acordo com os estudos por Renken, Egeland, Marvinney, Mangelsdorf e Sroufe (1989 cit. por Van IJzendoorn, 2002), os resultados demonstraram que a vinculação insegura era um preditor de problemas de comportamento agressivo nos rapazes e não nas raparigas, no entanto a hostilidade materna é um bom preditor de comportamentos agressivos nos rapazes e raparigas. Em relação ao estatuto socioeconómico das famílias e a vinculação insegura e ambivalente, o primeiro fenómeno não influencia os problemas de comportamento, como o afastamento passivo, no entanto a vinculação insegura influencia os problemas de comportamento nos rapazes. Tendo em conta que a delinquência atinge o seu ponto alto na adolescência e início da idade adulta, é fundamental uma intervenção precoce e ajustada, também é importante referir que a delinquência é mais frequente nos rapazes do que nas raparigas (Henriques, 2014).

De acordo com Van IJzendoorn (2002) as crianças com uma vinculação insegura às figuras de vinculação, têm dificuldades em criar empatia nas relações e a interiorizar normas, também a falta de confiança em si e nos outros poderá desenvolver comportamentos delinquentes. Por sua vez, uma relação de vinculação segura tem imensas vantagens, ou seja, esta relação protetora vai desenvolver um comportamento adaptativo.

Segundo Machado, (2004) estudos comprovam que as crianças com uma relação de vinculação segura são mais confiantes, apresentam mais competências sociais e de exploração do que crianças com uma vinculação insegura, ou seja, quanto mais segurança a criança tiver às suas figuras de vinculação, maior será a sua facilidade de se tornar independente e também em estabelecer relações positivas com os outros. Assim, crianças com uma relação de vinculação segura são mais sociáveis e têm relações positivas com os pares, do que crianças com uma relação de vinculação insegura. Para Cassidy (1999, cit. por Henriques, 2004), crianças seguras entre os 2 e os 5 anos de idade são mais confiantes, empáticas, competentes e têm uma maior inclinação para construir relações de amizade próximas. Para Hirschi (1983, cit. por Le Blanc e Janosz, 2002), o envolvimento do adolescente em atividades com os pais, a confiança de que as regras que são ditadas pelos pais são adequadas e a supervisão que os mesmos desempenham sobre o adolescente, são importantes para entender o funcionamento familiar, pois apesar de a vinculação ser muito importante, os acontecimentos referidos são também muito importantes na relação pais-filhos. Deste modo, o adolescente irá

interiorizar melhor as normas impostas pelas figuras de vinculação, logo estes fatores são protetores do adolescente em relação á prática de comportamentos delinquentes.

Foram realizados alguns estudos que demonstram que há uma relação entre a ausência do pai e o desenvolvimento de comportamentos problemáticos. Para Malpique (1990), quando se aborda a inexistência da interação pai-criança, muitas investigações têm por base o insucesso escolar, a delinquência na adolescência e a depressão. Também Siegman (1966) estudou a frequência de comportamentos antissociais num grupo de rapazes, estudantes do primeiro ano de faculdade, em que o pai esteve ausente devido a serviços militares no início da infância e comparou com um grupo de rapazes em que o pai não esteve ausente. Os resultados demonstraram que os rapazes que tinham tido o pai ausente, apresentavam mais comportamentos antissociais do que os rapazes que não tiveram o pai ausente. Algumas pesquisas sugerem que a responsabilidade é uma componente muito importante do envolvimento paternal. Mesmo que o pai esteja ou não ausente, o suporte financeiro é de extrema importância para a responsabilidade paternal, em que envolve também a gestão e a supervisão. Também o afeto e a proximidade na relação pai-criança é crucial para o desenvolvimento da criança (Lacan, 1997, cit. Por Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000). As relações fortes e próximas com o pai na adolescência, estão associadas a um sucesso escolar, comportamental e emocional. Posto isto, a vinculação ao pai é um fator protetor contra o desenvolvimento de comportamentos delinquentes e experienciais emocionais stressantes (Harris, Furstenberg, & Marmer, 1998, cit. Por Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000).

Em suma, apesar do comportamento antissocial estar relacionado com a vinculação parental, é importante ser compreendido a partir do contexto social e socioeconómico, fatores genéticos, entre outros.

III - OBJETIVOS E HIPÓTESES

Este estudo tem como objetivo compreender a vinculação com a mãe, o pai e com o grupo de pares, verificando a qualidade da relação de vinculação a estas três figuras significativas. Após verificar esta qualidade de relação, será possível compreender se a mesma influência a ocorrência ou não de comportamentos delinquentes.

Foram encontrados vários estudos que comprovam que a família está relacionada significativamente com a delinquência, pois a família é um dos fatores mais relevantes para o desenvolvimento de comportamentos delinquentes (e.g., IJzendoorn, 2002; Le Blanc e Janosz, 2002; Martins, 2005; Machado, 2004; Cassidy 1999). As crianças com uma vinculação insegura às suas figuras significativas, têm maior dificuldade em criar empatia nas relações, têm falta de confiança em si e nos outros, o que poderá levar a comportamentos delinquentes.

No entanto, uma relação de vinculação segura é um fator protetor contra o desenvolvimento de comportamentos delinquentes. As crianças com uma vinculação segura são mais confiantes e apresentam mais competências sociais e de exploração do que crianças com uma vinculação insegura, quanto mais segura a criança estiver às suas figuras significativas, maior será a facilidade de se tornar independente no futuro. Estas crianças são mais sociáveis e estão aptas para estabelecer relações positivas com os pares.

A figura paterna também tem uma grande relevância e a literatura é escassa em relação a esta figura. No entanto é possível encontrar alguns estudos que vão nesse sentido (e.g., Malpique 1990; Siegman; 1966; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000; Brown, McBride, Shin & Bost, 2007; Monteiro, Veríssimo, Vaughn, Santos, & Fernandes, 2008). Quando se aborda a inexistência ou ausência da interação pai-criança, está patente o insucesso escolar, a delinquência na adolescência e a depressão.

Neste sentido, propõe-se as seguintes hipóteses:

Hipótese 1: Espera-se que os adolescentes com mais confiança e comunicação e menor alienação com o grupo de pares tenham menos comportamentos delinquentes

Hipótese 2: Espera-se que os adolescentes com mais confiança e comunicação e menor alienação com a mãe tenham menos comportamentos delinquentes

Hipótese 3: Espera-se que os adolescentes com mais confiança e comunicação e menor alienação com o pai tenham menos comportamentos delinquentes.

Hipótese 4: Espera-se que a vinculação relativamente ao pai (mais confiança e comunicação e menor alienação) seja aquela que mais contribui para que os adolescentes tenham menos comportamentos delinquentes.

Em suma, pretende aqui estudar o impacto que a vinculação tem em cada uma das figuras significativas, ou seja, a mãe, o pai e o grupo de pares, nos comportamentos delinquentes.

IV - MÉTODO

1. Participantes

A amostra é constituída por 108 participantes do sexo masculino e 110 participantes do sexo feminino, que se encontram a frequentar o ensino básico e secundário, do 8º ano até ao 10º ano, com idades compreendidas entre os 12 anos e os 18 anos. Os dados foram recolhidos em duas escolas públicas da zona de Lisboa, através de uma amostragem não-probabilística por conveniência (Marôco, 2011).

É importante para o estudo serem participantes que se encontrem na fase da adolescência porque é nesta fase que surgem as maiores alterações e descobertas, tanto a nível físico, mental e social na vida de cada sujeito. Observou-se uma predominância de sujeitos com 15 anos de idade, como é possível verificar na Tabela 1, onde se apresenta a distribuição da amostra por idade.

Tabela 1. Distribuição da amostra por idade.

Idade	%
12	0,9
13	2,8
14	21,1
15	45,4
16	23,4
17	4,6
18	1,8
Total	100%

2. Instrumentos

Inventário da vinculação aos Pais e aos Pares – I.P.P.A.

A vinculação parental será medida a partir de uma escala, denominada por IPPA (Inventory of Parent and Peer Attachment de Armsden & Greenberg, 1987b). É uma escala de tipo Likert, de 5 pontos, que varia entre 1 (Nunca ou quase nunca) e 5 (Sempre ou quase sempre). Esta escala procura avaliar as perceções da qualidade de relação de vinculação dos adolescentes aos pais e aos pares. O instrumento avalia separadamente a vinculação do adolescente ao pai ($\alpha=0,80$; $M=3.21$; $DP=0,57$), à mãe ($\alpha=0,75$; $M=3.42$; $DP=0,44$) e aos amigos ($\alpha=0,86$; $M=3.40$; $DP=0,86$), isto é, as dimensões comportamentais, cognitivas e emocionais das relações de vinculação do adolescente, especificando o modo como estas figuras se constituem enquanto fontes de segurança psicológica para o adolescente. A escala é composta por 25 itens que avaliam domínios que envolvem a confiança (e.g., “A minha mãe confia na minha opinião”) comunicação (e.g., “A minha mãe ajuda-me a compreender-me melhor”) e a alienação (e.g., “Aborreço-me facilmente com a minha mãe”). De um modo geral, os itens que correspondem aos pais e amigos são formulados de forma semelhante, com exceção dos itens com um conteúdo familiar óbvio ou que se referem a sentimentos de alienação geral (Armsden & Greenberg, 1987).

Escala de Variedade de Comportamentos de Desvio Juvenil

Os comportamentos de risco serão medidos através de uma escala, denominada por Escala de Variedade de Comportamentos de Desvio Juvenil (Sanches, Pereira, Gomes & Roncar, 2015) com respostas entre “sim” e “não”. É uma escala global com 19 itens (e.g., “Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)”, “Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução?”) em que mede o envolvimento dos adolescentes em atividades de risco e antissociais, sendo que as pontuações mais altas indicam maior envolvimento nestas atividades. A operacionalização da escala é calculada a partir da soma dos itens. O participante deve responder se participou ou não em cada um dos comportamentos desviantes no último ano. A escala varia entre 0 (i.e. não praticou nenhum dos comportamentos apresentados) e 19 (i.e. praticou todos os comportamentos apresentados). A escala de variedade de comportamentos de desvio

juvenil contém uma Média de 0,14, Desvio-Padrão de 0,14 e um Alfa de Cronbach de 0,82.

3. Procedimento

Em primeiro lugar, elaborou-se uma pesquisa sobre algumas escolas de forma a verificar se continham muitos ou poucos episódios de delinquência, posto isto, procedeu-se à elaboração de uma carta formal, com o pedido de autorização relativamente à recolha de dados, com o objetivo de ser entregue ao Diretor da escola. Posteriormente, a partir de um professor, foi entregue aos alunos no final da aula, um pedido de autorização os encarregados de educação. Após a recolha de todas as autorizações dos encarregados de educação, foram aplicados os questionários aos alunos no final da aula. Foi pedido aos professores que saíssem da sala por breves instantes para não se criassem enviesamentos nas respostas dos alunos. No final do preenchimento dos questionários, os alunos dobraram o questionário e colocaram numa urna (esta urna foi criada para que os participantes sentissem mais confiança de que os resultados eram anónimos). A participação neste estudo é anónima e as suas respostas são totalmente confidenciais. Os dados foram analisados através do programa estatístico SPSS.

V - RESULTADOS

Tabela 2. Médias, Desvios-padrão e Alphas de Cronbach observados nos resultados.

Escala/Subescala	Média	Desvio-Padrão	Alfa de Cronbach
Delinquência	0,14	0,14	0,82
Mãe	3,42	0,44	0,75
Confiança	3,93	0,74	0,87
Comunicação	3,65	0,79	0,81
Alienação	2,23	0,77	0,68
Pai	3,21	0,57	0,80
Confiança	3,69	0,98	0,91
Comunicação	3,21	1,03	0,89
Alienação	3,39	0,93	0,74
Pares	3,40	0,86	0,86
Confiança	3,91	0,86	0,91
Comunicação	3,70	0,85	0,88
Alienação	2,34	0,69	0,70

De acordo com os resultados obtidos, é possível verificar que a média de delinquência é relativamente baixa nesta amostra ($M=0,14$). Posto isto, os resultados que serão apresentados devem ser analisados de forma contextualizada. No entanto através das médias das escalas de vinculação, entende-se que a vinculação é relativamente elevada, ou seja, os sujeitos desta amostra têm uma boa qualidade de relação de vinculação com a mãe ($M=3,42$), com o pai ($M=3,21$) e com o grupo de pares ($M=3,40$). Tendo em conta a pesquisa que foi feita sobre as escolas onde se aplicou os questionários, eram escolas problemáticas e com muitos episódios de delinquência, ou seja, esperava-se que a média de delinquência fosse superior àquela observada através dos resultados.

Análise de Correlações:

Tabela 3. Análise de correlação entre as escalas e subescalas da Vinculação e escala da Delinquência.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
Mãe										
1 Conf	-									
2 Comu	,750**	-								
3 Alien	-,635**	-,591**	-							
Pai										
4 Conf	,323**	,236**	-,153*	-						
5 Com	,367**	,386**	-,230**	,798**	-					
6 Alien	-,257**	-,158*	,266**	-,788**	-,648**	-				
Pares										
7 Conf	,269**	,166*	n.s	,271**	n.s	-,197**	-			
8 Comu	,250**	,198**	n.s	,236**	,159*	n.s	,880**	-		
9 Alien	-,154*	n.s	,175**	-,233**	n.s	,305**	-,431**	-,235**	-	
10 Desvio	-,275**	-,317**	,243**	n.s	n.s	n.s	-,158*	n.s	n.s	-

Nota: ** correlação significativa para $p < 0.01$; * correlação significativa para $p < 0.05$;

n.s. = variáveis estatisticamente não significativas

Desvio – Desvio Juvenil; Conf – Confiança; Comu – Comunicação; Alien - Alienação

No que toca à análise de correlações é possível verificar algumas correlações significativas relativamente à vinculação e delinquência. Pode-se observar que a vinculação com a mãe e as suas dimensões estão todas correlacionadas significativamente com a delinquência. Deste modo, é possível confirmar a segunda hipótese deste estudo, ou seja, o adolescente com maior confiança e comunicação e menor alienação à mãe, tem menos comportamentos delinquentes. Também se observou que a vinculação com o grupo de pares estabeleceu uma correlação significativa na sua dimensão confiança com a delinquência, ou seja, quanto mais confiança o adolescente tiver com o grupo de pares, menor será a ocorrência de comportamentos delinquentes. No entanto não foi possível confirmar a primeira hipótese na sua totalidade, pois a comunicação e a alienação ao grupo de pares não estão correlacionadas de forma

significativa com a delinquência. Em relação ao pai, não foram encontradas correlações significativas para ser possível confirmar as hipóteses e tirar conclusões. Em suma, pode-se concluir que a figura de vinculação, a mãe, apresenta correlações mais fortes, logo uma boa qualidade de relação de vinculação á mãe significa menos ocorrência de comportamentos delinquentes.

Análise de regressão com o método stepwise:

Para um melhor entendimento sobre a importância das diversas dimensões da vinculação sobre a manifestação de comportamentos delinquentes, foi aplicado uma análise de regressão múltipla. Foram apenas utilizadas as variáveis independentes estatisticamente significativas na variável dependente. Obteve-se os seguintes resultados:

Tabela 4. Análise de regressão entre as dimensões da escala da Vinculação com a Mãe e a escala da Delinquência.

Dimensões da Vinculação	β	R^2_a	p
Mãe_Comunicação	-0,058	0,096	0,00

A regressão linear múltipla permitiu identificar a dimensão Comunicação com a Mãe ($\beta = -0,058$; $t(217) = -4,906$; $p < 0,001$) como preditor significativo dos Comportamentos Delinquentes. Este modelo é significativo mas explica uma proporção baixa da variabilidade dos Comportamentos Delinquentes ($F(3,217) = 24,065$; $p < 0,001$; $R^2_a = 0,096$).

VI - DISCUSSÃO

O presente estudo foi realizado com o objetivo de compreender a vinculação estabelecida com a mãe, o pai e o grupo de pares e de que forma essa vinculação contribui para a ocorrência ou não de comportamentos delinquentes. Apesar de existir imensa literatura sobre a vinculação parental, há pouca informação sobre a carência da função familiar, relativamente aos comportamentos de risco na adolescência, nomeadamente a delinquência.

A partir dos resultados deste estudo, podemos concluir que não foram os esperados no que toca á vinculação com o pai e a delinquência, ou seja, a qualidade de relação de vinculação ao pai não surgiu como significativa dos comportamentos delinquentes. Deste modo, a terceira e quarta hipótese foram rejeitadas. Tendo em conta á literatura encontrada e apesar da vinculação com a mãe ter uma enorme importância na vida da criança, a qualidade da relação de vinculação com o pai é a que mais influência na proteção contra a ocorrência de comportamentos delinquentes, pois segundo Rosa (1999) os comportamentos delinquentes praticados pelos adolescentes, são tentativas de participação na ordem social e simbólica. Falta a esses adolescentes uma significação fálica estabelecida pela função paterna. Ainda na mesma linha de pensamento e de acordo com Andry (1960), concluiu que o que diferencia os adolescentes delinquentes dos não delinquentes é mais a falta da função paterna do que a função materna.

A inexistência ou ausência da interação pai-criança leva a uma maior probabilidade de ocorrência de comportamentos delinquentes nos adolescentes do que adolescentes que têm uma vinculação segura (Malpique, 1990; Siegman, 1966). As relações fortes e próximas com o pai na adolescência estão associadas a um sucesso escolar, comportamental e emocional. Posto isto, a vinculação ao pai é um fator protetor contra o desenvolvimento de comportamentos delinquentes e experiências emocionais stressantes (Harris, Furstenberg, & Marmer, 1998, cit. Por Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hoffert & Lamb, 2000).

No entanto, a vinculação à mãe face aos comportamentos delinquentes foi a que obteve correlações mais significativas em todas as suas dimensões, ou seja, os adolescentes com mais confiança e comunicação e menos alienação á mãe apresentam menos comportamentos delinquentes, ou seja, foi possível confirmar a segunda

hipótese. Em relação à vinculação com o grupo de pares, apenas a dimensão confiança fase á delinquência foi correlacionada significativamente, ou seja, os adolescentes com mais confiança ao grupo de pares, têm menos comportamentos delinquentes. Deste modo, a primeira hipótese não pode ser aceite na sua totalidade.

Apesar do grupo de pares desempenhar um papel importante no desenvolvimento social da criança, não têm a mesma importância que a relação parental. É na adolescência que se verifica essa importância em relação ao grupo de pares, pois as figuras de vinculação iniciais já não conseguem satisfazer as necessidades da criança, logo o adolescente irá procurar o grupo de pares para satisfazer essas necessidades, ou seja, vai gerar uma maior aproximação a esse grupo (Guedeney & Guedeney, 2004).

No entanto foi feita uma associação apenas entre as variáveis significativas, ou seja, a dimensão confiança, comunicação e alienação da vinculação á mãe e a dimensão confiança da vinculação ao grupo de pares. Apenas a comunicação com a mãe teve um resultado significativo, posto isto, a comunicação com a mãe apresenta ser um fator preditivo dos comportamentos delinquentes. Segundo Machado, (2004) estudos comprovam que as crianças com uma relação de vinculação segura são mais confiantes, apresentam mais competências sociais e de exploração do que crianças com uma vinculação insegura, ou seja, quanto mais segurança a criança tiver à mãe, maior será a sua facilidade de se tornar independente e também em estabelecer relações positivas com os outros.

Relativamente ao momento de aplicação do estudo, é possível que as respostas dos adolescentes possam ter sido afetadas pela desejabilidade social, ou seja, de acordo com aquilo que é espectável, aceite pela sociedade. O tema delinquência é um assunto muito delicado e difícil de estudar em contexto escolar. Também o inventário que foi utilizado para verificar a qualidade da vinculação, o Inventário de vinculação para Pais e Pares, é exposto no presente, ou seja, se o adolescente naquele momento teve algum arrufo com uma das figuras de vinculação, isso irá influenciar as suas respostas, não de acordo com aquilo que normalmente sente, mas de acordo com aquilo que sente apenas naquele momento.

VII - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo foi possível verificar a importância da relação de vinculação com a mãe e com o grupo de pares, como um fator protetor contra o desenvolvimento de comportamentos delinquentes. No entanto os resultados foram um pouco contraditórios em relação ao que está descrito na literatura. Penso que esta situação se deva ao fato da dimensão da amostra ser pequena, por ter sido aplicado somente em duas escolas e em contexto de sala de aula e também por se ter apenas baseado nas percepções dos adolescentes face à vinculação e delinquência.

Relativamente ao momento de aplicação do estudo, é possível que as respostas dos adolescentes possam ter sido afetadas pela desejabilidade social, ou seja, de acordo com aquilo que é esperável, aceite pela sociedade. O tema delinquência é um assunto muito delicado e difícil de estudar em contexto escolar. Tendo em conta que foi feita uma pesquisa informal sobre as escolas e que essas escolas tinham imensos episódios de comportamentos delinquentes, uma média baixa de comportamentos delinquentes, apenas se pode explicar a partir da desejabilidade social. Também o inventário que foi utilizado para verificar a qualidade da vinculação, o Inventário de vinculação para Pais e Pares, é exposto no presente, ou seja, se o adolescente naquele momento teve algum arrufo com uma das figuras de vinculação, isso irá influenciar as suas respostas, não de acordo com aquilo que normalmente sente, mas de acordo com aquilo que sente apenas naquele momento. A amostra se fosse representativa da população, ou seja, estratificada, algumas variáveis poderiam ser consideradas significativas num estudo com esta problemática, tais como a região do país, o estatuto socioeconómico, o tipo de família, o divórcio, o número de irmãos, entre outros.

Para futuros estudos, a amostra deveria ser maior e mais diversificada, basear-se não apenas nas percepções dos adolescentes mas também nas dos pais, ser feita uma entrevista familiar de modo a que o investigador tire conclusões sobre o contexto familiar do adolescente, pois o contexto familiar é também um fator muito importante que influencia a ocorrência ou não de comportamentos delinquentes. Também é importante referir que para perceber melhor o nível de delinquência, deveria ser realizado um estudo diferencial de comportamentos delinquentes de diferentes intensidades, de forma a compreender se os comportamentos delinquentes são graves ou não.

VIII - REFERÊNCIAS

- Alarcão, M. (2006). *(Des)Equilíbrios familiares* (3ªed.). Coimbra: Quarteto.
- Armsden, G. C., & Greenberg, M. T. (1987). The inventory of parent and peer attachment: Individual differences and their relationship to psychological well being in adolescence. *Journal of youth and Adolescence*, 16, 427-454.
- Andry, R. G. (1960). *Delinquency and parental pathology*. N.Y.: Methuen.
- Born, M. (2005). *Psicologia da delinquência*. Lisboa: Climepsi.
- Bowlby, J. (1989) *Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego*. Porto Alegre : Artes Médicas.
- Brown, G., McBride, B., Shin, N., & Bost, K. (2007). Parenting Predictors of Father Child Attachment Security: Interactive Effects of Father Involvement and fathering Quality. *Fathering*, 5, (3), 197-219.
- Cabrera, N., Tamis-LeMonda, C., Bradley, R., Hofferth, S., & Lamb, M. (2000). Fatherhood in Twenty-First Century. *Child Development*, 71, (1), 127-136.
- Fonseca, A., & Simões, A. (2002). A teoria geral do crime de Gottfredson e Hirschi: o papel do autocontrolo, da família e das oportunidades. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento antissocial e família* (pp. 245-267). Coimbra: Almedina.
- Goldenberg, G. W. (1991) *Psicologia jurídica da criança e do adolescente*. Rio de Janeiro, Forense.
- Guedeney, N & Guedeney, A. (2004) *Vinculação: Conceitos e aplicações*. Lisboa: Climepsi
- Henriques, B. (2014). Qualidade da Vinculação e Comportamento Antissocial na Infância. *International Journal of Developmental and Educational Psychology INFAD*, Revista de Psicología, Nº1-Vol.1, 2014. ISSN: 0214-9877. pp:35-44.

- Lacan, J. (1998a). *La métaphore paternelle*. J. Lacan, *Le séminaire (livre V: les formations de l'inconscient)*. Paris : Éditions du Seuil. (Obra original publicada em 1958).
- Le Blanc, M., & Janosz, M. (2002). Regulação familiar da conduta delinquente em adolescentes. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 37-92). Coimbra: Almedina.
- Lemos, I. (2010). Risco psicossocial e psicopatologia em adolescentes com percurso delinquente. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII): 117-132.
- Machado, T., & Figueiredo, T. (2010). Vinculação a Pais, Pares e Professores – estudos com o IPPA-R para crianças do ensino básico. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação – Universidade de Coimbra, *Psychology*, 53, 27-45.
- Malpique, C. (1990). *A ausência do pai*. Porto: Edições Afrontamento.
- Matos, M. (2005). *Adolescência – Representações e Psicanálise*. Lisboa: Climepsi.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística – com utilização do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo
- Neves, L., Soares, I., Silva, M. (1999). Inventário da vinculação na adolescência –IPPA. *In Testes e provas psicológicas em Portugal* (pp. 37-48). Braga: APPORT.
- RASI (2014). Relatório Anual de Segurança Interna. Consultado em 16 de Setembro de 2015 através de https://www.parlamento.pt/Documents/XIILEG/Abril_2015/relatorioseginterna014.pdf
- Relvas, A. P. (1996). *O ciclo vital da família – Perspectiva Sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rosa, M. D. (1999) “O discurso e o laço social dos meninos de rua”, in *Revista de Psicologia USP*, n (2), v (10), São Paulo, EDUSP, p. 205-217.
- Sanches, C., & Gouveia-Pereira, M. (2010). Julgamentos de justiça em contexto escolar e comportamentos desviantes na adolescência. *Análise Psicológica*, 1 (XXVIII): 71-84.

- Simões, M. (2007). *Comportamentos de risco na adolescência*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Simões, S., Filipe, F., & Farate, C. (2014). Qualidade da vinculação percebida por mães e crianças em idade escolar provenientes de diferentes tipos de família. *Análise Psicológica*, 3 (XXXII): 289-306.
- Siegman, A. W. (1966). Father absence during early childhood and antisocial behavior. *Journal of Abnormal Psychology*, 71(1), 71-74.
- Van IJzendoorn, M. (2002). Vinculação, moralidade emergente e agressão: para um modelo socioemocional e desenvolvimental do comportamento anti-social. In A. C. Fonseca (Ed.), *Comportamento anti-social e família* (pp. 267-299). Coimbra: Almedina.
- Winnicott, D. W. (1999) *A família e o desenvolvimento individual*. São Paulo, Martins Fontes.

XI - ANEXOS

Anexo A: Pedido de autorização para a recolha de dados.



Exmos. Senhores,

No âmbito da Unidade Curricular Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica, os alunos do ISPA – Instituto Universitário, têm de desenvolver um trabalho que tem uma componente prática de investigação.

Com o objetivo de recolha de dados para o referido trabalho, subordinado ao tema: “Os Comportamentos de Risco, Vinculação à Família e ao Grupo de Pares”, vimos, por este meio, solicitar o apoio para que a nossa aluna Joana Dias Santos possa levar a bom termo a sua realização.

Antecipadamente gratos pela atenção dispensada, subscrevemo-nos atenciosamente.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 2015


(Prof.^a Doutora Maria Gouveia-Pereira)

Anexo B: Autorização aos Encarregados de Educação



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

PARTICIPAÇÃO NUM ESTUDO TESE DE MESTRADO

Autorização do Encarregado de Educação

No âmbito da unidade curricular Dissertação de Mestrado Integrado em Psicologia, área de especialização em Psicologia Clínica os alunos do ISPA-Instituto Universitário têm que desenvolver um trabalho com uma componente prática de investigação para a sua tese de mestrado.

Com o objetivo de recolha de dados para o referido trabalho, subordinado ao tema “Comportamentos na Adolescência, Vinculação à Família e ao Grupo de Pares”, vimos por este meio solicitar apoio para a realização do mesmo, com a recolha de dados no vosso estabelecimento de ensino.

Agradeço antecipadamente a vossa atenção

Nome

Eu, _____, Encarregado de Educação do aluno _____, nº _____, da turma _____ do _____º ano, da Escola _____, **declaro que autorizo o meu**

educando a participar num estudo intitulado de “Comportamentos na Adolescência, Vinculação à Família e ao Grupo de Pares”, sobre a forma como os adolescentes pensam sobre o seu seio familiar e o grupo de amigos, e a influência que isso tem no seu comportamento, realizado no âmbito de uma dissertação de mestrado do Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Instituto Universitária, sendo as respostas dadas totalmente anónimas e confidenciais.

(Local) _____, (Data) ____ / ____ / 2015

Anexo C: IPPA – Inventory of Parental and Peer Attachment.

IPPA – versão original de Armsden & Greenberg (1987), adaptação portuguesa de Neves, Soares & Silva (1999).

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos teus sentimentos para com a tua Mãe, ou outra pessoa que desempenhe o seu papel (por exemplo: avó, tia, mãe adoptiva, ou outra).

Lê com atenção cada uma das afirmações e assiná-la com um X a opção que melhor descreve os teus sentimentos.

	Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1 A minha mãe respeita os meus sentimentos					
2 Considero que a minha mãe é uma boa mãe					
3 Gostava de ter uma mãe diferente da que tenho					
4 A minha mãe aceita-me tal como sou					
5 Gostava de ter a opinião da minha mãe em assuntos que me preocupam					
6 Acho inútil demonstrar os meus sentimentos à minha mãe					
7 A minha mãe apercebe-se quando estou preocupado (a) com alguma coisa					
8 Falar com a minha mãe acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado (a) ou ridículo (a)					
9 A minha mãe espera demasiado de mim					
10 Aborreço-me facilmente com a minha mãe					
11 Aborreço-me mais frequentemente do que a minha mãe pensa					
12 Quando discutimos algum assunto, a minha mãe considera o meu ponto de vista					
13 A minha mãe confia na minha opinião					
14 A minha mãe tem os seus próprios problemas, por isso, não a quero incomodar com os meus					
15 A minha mãe ajuda-me a eu compreender-me melhor					
16 Falo à minha mãe acerca dos meus problemas e dificuldades					
17 Sinto-me zangado (a) com a minha mãe					
18 A minha mãe não me dá muita atenção					
19 A minha mãe encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades					
20 A minha mãe compreende-me					
21 Quando estou zangado (a) por alguma razão, a minha mãe tenta ser compreensiva					
22 Confio na minha mãe					
23 A minha mãe não compreende o que é a minha vida					
24 Posso contar com a minha mãe, quando preciso de desabafar					

X

2	Quando a minha mãe sabe que alguma coisa me preocupa, pergunta-me sempre acerca disso						
---	---------------------------------------------------------------------------------------	--	--	--	--	--	--

Cada uma das afirmações que se seguem é relativa aos teus sentimentos para com o teu **Pai**, ou outra pessoa que desempenhe o seu papel (por exemplo: avô, tio, pai adoptivo, ou outro). Lê com atenção cada uma das afirmações e **assinala com um X** a opção que melhor descreve os teus sentimentos.

		Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	O meu pai respeita os meus sentimentos					
2	Considero que o meu pai é um bom pai					
3	Gostava de ter um pai diferente do que tenho					
4	O meu pai aceita-me tal como sou					
5	Gostava de ter a opinião do meu pai em assuntos que me preocupam					
6	Acho inútil demonstrar os meus sentimentos ao meu pai					
7	O meu pai apercebe-se quando estou preocupado (a) com alguma coisa					
8	Falar com o meu pai acerca dos meus problemas faz-me sentir envergonhado (a) ou ridículo (a)					
9	O meu pai espera demasiado de mim					
10	Aborreço-me facilmente com o meu pai					
11	Aborreço-me mais frequentemente do que o meu pai pensa					
12	Quando discutimos algum assunto, o meu pai considera o meu ponto de vista					
13	O meu pai confia na minha opinião					
14	O meu pai tem os seus próprios problemas, por isso, não o quero incomodar com os meus					
15	O meu pai ajuda-me a eu compreender-me melhor					
16	Falo ao meu pai acerca dos meus problemas e dificuldades					
17	Sinto-me zangado (a) com o meu pai					
18	O meu pai não me dá muita atenção					
19	O meu pai encoraja-me a falar acerca das minhas próprias dificuldades					
20	O meu pai compreende-me					
21	Quando estou zangado (a) por alguma razão, o meu pai tenta ser compreensiva					
22	Confio no meu pai					
23	O meu pai não compreende o que é a minha vida					

2	Posso contar com o meu pai, quando preciso de					
4	desabafar					
2	Quando o meu pai sabe que alguma coisa me preocupa,					
5	pergunta-me sempre acerca disso					

Cada uma das afirmações que se seguem são relativas aos teus sentimentos para com os teus **Amigos**. Lê cada afirmação com atenção e **assinala com um X** a opção que melhor descreve os teus sentimentos.

		Nunca ou quase nunca	Poucas vezes	Bastantes vezes	Muitas vezes	Sempre ou quase sempre
1	Gosto sempre de saber a opinião dos meus amigos sobre assuntos que me dizem respeito					
2	Mesmo quando estou fora de mim, por qualquer motivo, sou capaz de escutar o que os meus amigos me dizem					
3	Quando falo de qualquer assunto com os meus amigos eles têm em consideração os meus pontos de vista					
4	Tenho vergonha ou acho patético falar dos meus problemas com os meus amigos					
5	Gostava que os meus amigos fossem diferentes daquilo que são					
6	Os meus amigos compreendem-me					
7	Os meus amigos ajudam-me a falar das minhas próprias dificuldades					
8	Os meus amigos aceitam-me como sou					
9	Frequentemente, sinto uma grande necessidade de estar com os meus amigos					
10	Os meus amigos não percebem o que eu ando a fazer na vida					
11	Sinto-me só ou marginalizado (a) quando estou com os meus amigos					
12	Os meus amigos dão atenção ao que eu digo					
13	Acho que os meus amigos são bons amigos					
14	Tenho bastante facilidade em falar com os meus amigos sobre qualquer assunto					
15	Quando estou irritado (a) com qualquer coisa, os meus amigos procuram compreender-me					
16	Os meus amigos ajudam-me a eu compreender-me melhor					
17	Os meus amigos têm em consideração a minha maneira de ser					
18	Irrito-me com os meus amigos					

1 9	Quando tenho algum problema grave, posso contar com os meus amigos				
2 0	Confio nos meus amigos				
2 1	Os meus amigos respeitam os meus sentimentos				
2 2	Aborreço-me mais frequentemente do que os meus amigos pensam				
2 3	Dá a impressão que os meus amigos estão irritados comigo sem razão				
2 4	Posso falar francamente aos meus amigos dos meus problemas e dificuldades				
2 5	Quando os meus amigos percebem que eu tenho algum problema, procuram sempre saber o que tenho				

Anexo D: Escala de Variedade de Comportamentos de Desvio Juvenil

Apresentamos-te agora alguns comportamentos que podem ser realizados por jovens da tua idade. Indica por favor se, durante o último ano, tiveste algum destes comportamentos. Lembra-te que o questionário é ANÓNIMO e CONFIDENCIAL. Ninguém que te conheça terá acesso às tuas respostas. Por favor responde com sinceridade!

Vê o exemplo e depois assinala as respostas que melhor correspondem aos teus comportamentos

Exemplo: Durante o último ano, alguma vez foste ao cinema?	SIM	NÃO
	X	

DURANTE O ÚLTIMO ANO, ALGUMA VEZ...	SIM	NÃO
1. Foste para a escola ou para as aulas depois de teres bebido bebidas alcoólicas?		
2. Mentiste a adultos (ex: familiares, professores, etc.)?		
3. Consumiste cocaína ou heroína?		
4. Usaste uma moto ou um carro para ir dar uma volta sem a autorização do dono ou proprietário?		
5. Bateste a um adulto (ex: professor, familiar, agente de segurança, etc.)?		
6. Andaste em transportes públicos sem pagar bilhete?		
7. Estragaste ou destruístes bens públicos ou privados (ex: parquímetros, sinais de trânsito, máquinas de distribuição de produtos, carros, etc.)?		
8. Consumiste haxixe (“ganzas”) ou marijuana (“erva”)?		
9. Roubaste alguma coisa que valia mais de que 50 euros (ex.: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
10. Faltaste vários dias à escola sem os teus pais saberem?		
11. Vendeste droga (ex: haxixe, marijuana, cocaína, ecstasy, anfetaminas, etc...)?		
12. Roubaste alguma coisa que valia entre 5 e 50 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
13. Faltaste às aulas porque não te apeteceu ir, para ficar com colegas ou		

para ir dar uma volta?		
14. Conduziste uma mota ou um carro sem ter carta de condução?		
15. Consumiste LSD (“ácidos”), ecstasy (“pastilhas”) ou anfetaminas (“speeds”)?		
16. Transportaste uma arma (ex.: navalha, pistola, etc.)?		
17. Roubaste alguma coisa que valia menos de 5 euros (ex: em lojas, na escola, a uma pessoa, etc.)?		
18. Fizeste grafitis em edifícios ou noutros locais (ex: escola, transportes, muros, etc)?		
19. Assaltaste um carro, uma casa loja, escola ou outro edifício?		

Está quase a terminar! Pedimos-te só mais algumas informações finais.

**Dados
Pessoais**

1. Idade:
.....anos.

2. Sexo:

Masculino

Feminino

3. a) Raça / etnia:

Branco

Negro

Mulato

Cigano

Outra

3.b) Qual?

4.a) Nacionalidade:

Portuguesa

Países da Europa

Países de África

Outra

4.b) Qual?

Dados
Escolares

5.a) Freqüentas a escola?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>
5.b) Se sim, em que ano estás?	<input type="checkbox"/>

6. a) Já chumbaste alguma vez?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>
6.b) Se sim, quantas vezes?	<input type="checkbox"/>

7. Que escolaridade tens completa?
..... Ano.

Dados
Familiares

8.a) Tens irmãos?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>
8. b) Se sim, quantos?	<input type="checkbox"/>

9. Assinala todas as pessoas com quem vives:

Mãe / madrasta	<input type="checkbox"/>
Pai / padrasto	<input type="checkbox"/>
Irmãos	<input type="checkbox"/>
Tios / padrinhos	<input type="checkbox"/>
Avós	<input type="checkbox"/>
Jovens do Lar	<input type="checkbox"/>
Outros	<input type="checkbox"/>

10. Ao todo, quantas pessoas vivem na tua casa? (contando contigo)

Somos.....pessoas.

11.a) Alguém da tua família foi preso por alguma coisa que tenha feito?

Sim Não

11.b) Se sim, quem? Pai Mãe Irmã(o) Avô/ó Outro

11. c) Que idade tinhas quando isso aconteceu? _____ anos.

Dados

Sociais

12. Gostas de viver no bairro onde moras?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

13. Moras num bairro social?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

14. Achas que a tua casa tem as condições necessárias para todos os que vivem contigo? (ex. espaço, quartos)	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

15. Já alguma vez foste detido ou tiveste problemas com a polícia?	
Sim	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>

16. a) Já alguma vez foste a tribunal e o juiz decidiu que devias cumprir uma medida?

Sim

Não

16. b) Se sim, qual ou quais?

Internamento Educativo

Internamento aos Finsdesemana

Acompanhamento Educativo

Imposição de Obrigações

Tarefas a Favor da Comunidade

Outras

16. c) Que idade tinhas quando te foi aplicada a 1ª medida? Tinha _____ anos.

O questionário chegou ao fim. Muito obrigada pela tua colaboração!

Anexo E: Outputs das análises estatísticas realizadas.

Output 1. Idade e Sexo.

		Idade	Sexo
N	Valid	218	218
	Missing	0	0
Mean		15,09	1,50
Median		15,00	1,00
Mode		15	1
Std. Deviation		,992	,501
Minimum		12	1
Maximum		18	2

Output 2. Idade em tabela de frequências.

	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	12	2	,9	,9
	13	6	2,8	3,7
	14	46	21,1	24,8
Valid	15	99	45,4	70,2
	16	51	23,4	93,6
	17	10	4,6	98,2
	18	4	1,8	100,0
Total	218	100,0	100,0	

Output 3. Sexo em tabela de frequências.

Sexo				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	Feminino	110	50,5	50,5
Valid	Masculino	108	49,5	100,0
	Total	218	100,0	

Output 4. Ano escolar frequentado.

Statistics

Ano Escolar

N	Valid	218
	Missing	0
Mean		9,05
Median		9,00
Mode		9
Std. Deviation		,642
Minimum		8
Maximum		10

Ano Escolar				
	Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
	8	40	18,3	18,3
Valid	9	128	58,7	77,1
	10	50	22,9	100,0
	Total	218	100,0	

Output 5. As dimensões da vinculação ao pai (confiança, comunicação e alienação).

		Statistics			
		Confiança_Pai	Comunicação_Pai	Alienação_Pai	Score_Pai
N	Valid	218	218	218	217
	Missing	0	0	0	1
Mean		3,6931	3,2120	2,3945	3,2112
Std. Deviation		,98958	1,03426	,93138	,57675

Output 6. As dimensões da vinculação ao grupo de pares (confiança, comunicação e alienação).

		Statistics			
		Alienação_Amigos	Confiança_Amigos	Score_Amigos	Comunicação_Amigos
N	Valid	218	218	218	218
	Missing	0	0	0	0
Mean		2,3467	3,9133	3,4081	3,7053
Std. Deviation		,69873	,86117	,56109	,85625

Output 7. As dimensões da vinculação á mãe (confiança, comunicação e alienação).

		Statistics				
		Confiança_Mãe	Comunicação_Mãe	Alienação_Mãe	Desvio_Juvenil	Score_Mãe
N	Valid	218	218	218	218	218
	Missing	0	0	0	0	0
Mean		3,9349	3,6524	2,2317	,1429	3,4244
Std. Deviation		,74412	,79733	,77067	,14550	,44808

Output 8. O alfa de cronbach da dimensão confiança da vinculação á mãe.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,872	10

Output 9. O alfa de cronbach da dimensão comunicação da vinculação á mãe.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,819	9

Output 10. O alfa de cronbach da dimensão alienação da vinculação á mãe.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,681	6

Output 11. O alfa de cronbach da dimensão confiança da vinculação ao pai.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,914	10

Output 12. O alfa de cronbach da dimensão comunicação da vinculação ao pai.

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,891	9

Output 13. O alfa de cronbach da dimensão alienação da vinculação ao pai..

Reliability Statistics	
Cronbach's Alpha	N of Items
,741	6

Output 14. O alfa de cronbach da dimensão confiança da vinculação ao grupo de pares.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,917	10

Output 15. O alfa de cronbach da dimensão comunicação da vinculação ao grupo de pares.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,885	8

Output 16. O alfa de cronbach da dimensão alienação da vinculação ao grupo de pares.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,706	7

Output 17. A vinculação á mãe.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,750	25

Output 18. A vinculação ao pai.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,805	25

Output 19. A vinculação ao grupo de pares.

Reliability Statistics

Cronbach's Alpha	N of Items
,867	25

Output 20. A regressão linear.

Variables Entered/Removed^a

Model	Variables Entered	Variables Removed	Method
1	Comunicação_ Mãe		Stepwise (Criteria: Probability-of-F-to-enter <= ,050, Probability-of-F-to-remove >= ,100).

a. Dependent Variable: Desvio_Juvenil

Model Summary

Model	R	R Square	Adjusted R Square	Std. Error of the Estimate
1	,317 ^a	,100	,096	,13833

a. Predictors: (Constant), Comunicação_Mãe

ANOVA^a

Model	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
1 Regression	,461	1	,461	24,065	,000 ^b
Residual	4,133	216	,019		
Total	4,594	217			

a. Dependent Variable: Desvio_Juvenil

b. Predictors: (Constant), Comunicação_Mãe

Coefficients^a

Model		Unstandardized Coefficients		Standardized Coefficients	t	Sig.
		B	Std. Error	Beta		
1	(Constant)	,354	,044		8,040	,000
	Comunicação_Mãe	-,058	,012	-,317	-4,906	,000

a. Dependent Variable: Desvio_Juvenil

Excluded Variables^a

Model		Beta In	t	Sig.	Partial Correlation	Collinearity Statistics
						Tolerance
1	Confiança_Mãe	-,087 ^b	-,886	,377	-,060	,437
	Alienação_Mãe	,085 ^b	1,069	,286	,073	,651
	Confiança_Amigos	-,108 ^b	-1,664	,098	-,113	,973

a. Dependent Variable: Desvio_Juvenil

b. Predictors in the Model: (Constant), Comunicação_Mãe

Output 21. Correlações das dimensões da vinculação e delinquência.

		Correlations										
		Confiança_Mãe	Comunicação_Mãe	Alienação_Mãe	Confiança_Pai	Comunicação_Pai	Alienação_Pai	Confiança_Amigos	Comunicação_Amigos	Alienação_Amigos	Desvio_Juvenil	
Confiança_Mãe	Pearson Correlation	1	,750**	-,635**	,323**	,367**	-,257**	,269**	,250**	-,154*	-,275**	
	Sig. (2-tailed)		,000	,000	,000	,000	,000	,000	,000	,023	,000	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Comunicação_Mãe	Pearson Correlation	,750**	1	-,591**	,236**	,386**	-,158*	,166*	,198**	-,129	-,317**	
	Sig. (2-tailed)	,000		,000	,000	,000	,019	,014	,003	,057	,000	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Alienação_Mãe	Pearson Correlation	-,635**	-,591**	1	-,153*	-,230**	,266**	-,064	-,019	,175**	,243**	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000		,024	,001	,000	,346	,785	,009	,000	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Confiança_Pai	Pearson Correlation	,323**	,236**	-,153*	1	,798**	-,788**	,271**	,236**	-,233**	-,112	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,024		,000	,000	,000	,000	,001	,099	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Comunicação_Pai	Pearson Correlation	,367**	,386**	-,230**	,798**	1	-,648**	,098	,159*	-,105	-,106	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,001	,000		,000	,148	,019	,121	,120	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Alienação_Pai	Pearson Correlation	-,257**	-,158*	,266**	-,788**	-,648**	1	-,197**	-,107	,305**	,110	
	Sig. (2-tailed)	,000	,019	,000	,000	,000		,004	,117	,000	,106	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Confiança_Amigos	Pearson Correlation	,269**	,166*	-,064	,271**	,098	-,197**	1	,880**	-,431**	-,158*	
	Sig. (2-tailed)	,000	,014	,346	,000	,148	,004		,000	,000	,020	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Comunicação_Amigos	Pearson Correlation	,250**	,198**	-,019	,236**	,159*	-,107	,880**	1	-,235**	-,126	
	Sig. (2-tailed)	,000	,003	,785	,000	,019	,117	,000		,000	,063	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Alienação_Amigos	Pearson Correlation	-,154*	-,129	,175**	-,233**	-,105	,305**	-,431**	-,235**	1	,118	
	Sig. (2-tailed)	,023	,057	,009	,001	,121	,000	,000	,000		,082	
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	
Desvio_Juvenil	Pearson Correlation	-,275**	-,317**	,243**	-,112	-,106	,110	-,158*	-,126	,118	1	
	Sig. (2-tailed)	,000	,000	,000	,099	,120	,106	,020	,063	,082		
	N	218	218	218	218	218	218	218	218	218	218	

** . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).